

Este trabalho tem como tema a relação dos profissionais e acadêmicos da área da saúde (Medicina, Fisioterapia e Enfermagem) com a morte no seu cotidiano no hospital. Através de entrevistas semi-estruturadas e observações participantes buscou-se compreender como vivenciavam essa questão, como era a abordagem desse tema na formação acadêmica, o papel da instituição e, por fim, fornecer subsídios sobre as necessidades evidenciadas pelos entrevistados. Quatorze (14) profissionais das Clínicas Cirúrgica, Médica e Pediátrica e do CTI- Adulto e dez (10) acadêmicos que estavam no final de seus cursos participaram da pesquisa. A análise parcial (já apresentada neste evento) após finalizada permitiu categorizar os dados em três blocos principais: a vivência de morte no cuidado pacientes internos no HUSM, a dinâmica de funcionamento do HUSM e abordagem acadêmica e suas conseqüências no pensar a morte. A análise do primeiro bloco mostrou que a morte é sinônimo de culpa e derrota para a maioria dos entrevistados. Assim, o profissional utiliza mecanismos de defesa (desde a negação até a intelectualização) que o distanciam do paciente. O não-envolvimento é manifestado como algo fundamental para um bom desempenho profissional. Isso demonstra a dificuldade dos entrevistados em lidar não só com a angústia e o sofrimento do paciente, mas com os seus próprios sentimentos no que se refere a morte. A análise da dinâmica do funcionamento do hospital evidenciou que não há programas de apoio para os profissionais embora o expressivo número de atestados (principalmente do grupo da Enfermagem) evidencie a necessidade desse tipo de suporte pela instituição. Por fim, a abordagem da relação dos profissionais da saúde com a morte durante a formação acadêmica foi totalmente inadequada na opinião dos entrevistados já que os espaços para essa discussão foram muito limitados.(FAPERGS)